

CONSIDERA O GOVERNO DA ILHA DE MOÇAMBIQUE



FCSH SUPERA PERSPECTIVAS DA SUA CRIAÇÃO

Leia nas pág. 2-4

Pub



**OFERECEMOS CURSOS
BÁSICOS DE
INGLÊS, FRANCÊS
E ITALIANO
INSCREVA-TE JÁ**



FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO(CECROI) FCSH



84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012



Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/UniLurio

Segundo o Governo da Ilha de Moçambique

FCSH SUPERA PERSPECTIVAS DA SUA CRIAÇÃO

Esmeralda Robate e Faizal Raimo



Director da FCSH visita projecto de estudantes no mercado de Jembesse

O governo do distrito da Ilha de Moçambique diz que a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas está a criar um impacto muito positivo e acima das expectativas criadas pela população local aquando da



Administrador do Distrito Recebe explicações

sua instalação em 20-17. A posição foi manifestada pelo Administrativo cessante do distrito Luciano Augusto, durante a entrega formal de seis projectos de intervenção social concebidos e implementados pelos estudantes para o benefício da população da Ilha de Moçambique. “ Devo confessar-vos de que a vossa Universidade já superou as nossas expectativas. O vosso trabalho é notório em

tão pouco tempo da vossa instalação”, disse o dirigente, solicitando para que os estudantes continuem com os esforços para viabilizar o desenvolvimento da Ilha de Moçambique. Para além de projectos de desenvolvimento, a FCSH tem estado a realizar diversas actividades académicas, entre simpósios, debates, seminários, lançamento de livros, conferências, trazendo importantes figuras de arena política, económica e social. O dirigente convidou aos estudantes finalistas dos cursos de Turismo e Hotelaria e Desenvolvimento Local e Relações Internacionais a centrarem nas suas monografias de fim do curso, estudos sobre a ilha, considerando que “só desta forma poderemos ter a nossa história devidamente divulgada”.

PROJECTOS VIRADOS À RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS CANDENTES DA ILHA DE MOÇAMBIQUE

Com intuito de manter a preservação da Ilha de Moçambique, os estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, (DL.RI) 2º ano, realizaram seis projectos de intervenção social, fruto do aprendizado colhido na disciplina de Laboratório de Estudo de Sociedade. A natureza da disciplina compõe a parte teórica em que se aprende a realidade social e a identificação de um problema social, e a parte prática, que consiste no desenho e implementação de um projecto. Nesta última fase, os estudantes são chamados a trabalhar junto das comunidades locais, na identificação de

Cont. pág.03

Ficha técnica:

O Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpcfcs@unilurio.ac.mz | +258 878300752

Director: Wilson Profírio Nicaquela | **Editor:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Revisão:** Nildo Eugenio Diogo |

Redação: Faizal Ibramugy Abdul Raimo e Esmeralda Robate | **Fotografias:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo |

Maquetização: Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Distribuição:** Electrónica

problemas concretos e a propor formas de resolução.

“Depois de dias intensos de trabalho para a realização dos projectos, culminou com o magnifico trabalho que os estudantes fazem entrega à comunidade da Ilha de Moçambique”, anunciava o Director da Faculdade, Wilson Nicaquela, durante a cerimónia oficial de entrega do projecto, acto que teve lugar na praça da juventude, lugar que foi reabilitado pelos estudantes. O evento contou com a participação de individualidades locais.

Wilson Profírio Nicaquela, disse a realização daqueles projectos pelos estudantes, inspirava-se nos discursos da Magnífica Reitora da UniLúrio que segundo ele “tem encorajado a universidade a deslocar-se dos seus escritórios indo ao encontro das comunidades a fim de manter bom relacionamento com a comunidade local”. Segundo o director da FCSH “a Universidade Lúrio aparece na região norte como o esforço do Governo para responder as chamadas assimetrias regionais e tem uma missão acrescida pelo facto de ser a primeira Universidade pública a ter sua Reitoria fora da cidade de Maputo. É nesse âmbito de responder esse vazio, que no



Wilson Nicaquela

Director da FCSH

contexto do crescimento institucional foi instalada a FCSH na cidade da Ilha de Moçambique”.

Segundo o dirigente, que falava ao público, “a FCSH tem a responsabilidade de colocar o conhecimento científico à disposição da população, não só da Ilha de Moçambique, onde está instalada, mas de toda a região norte”. Para Wilson Nicaquela, a implementação de projectos pelos estudantes é acto “multiverso, porque responde um desafio da universidade que em algum momento chamamos de um estudante uma família. Os projectos que os estudantes implementam são fruto do raciocínio em grupo, assessorado



Lucas Mabunda dá explicações do projecto da Praça da Juventude

pelos docentes, daí que, os estudantes são estimulados a negociar com parceiros e a usar os conhecimentos que assimilaram em várias áreas de aprendizagem para poder persuadir os seus parceiros e a encontrar financiamento para implementação dessas iniciativas que visam responder problemas específicos de cada zona onde esses projectos são implementados”.

Com todas as restrições que o país está a viver, os estudantes do curso de DL.RI “foram ousados, materialização de problemas. Dos seis projectos identificados, um deles foi a construção de sombreros de macuthi num contexto de contínua valorização que a Faculdade tem com as práticas tradicionais da Ilha.” O macuthi compõe o outro lado da cidade da Ilha de Moçambique a olhar para aquilo que é a sua característica. A cidade está

dividida em duas partes, a zona de pedra e cal e a zona de macuthi”.

Recorde-se que figuram entre os projectos desenhados e implementados pelos estudantes da FCSH, o projecto de reabilitação de campo de jogos do Clube Sporting da Ilha de Moçambique, a colocação de sombreiros numa das melhores praias da ilha, o caso concreto do Miami Beach, que se encontrava voltada ao abandono, o projecto de reabilitação de sanitário público do bairro Areal, o projecto de colocação de sinaléticas para as principais ruas da Ilha de Moçambique, para além de colocação de tambores de lixo nos mercados de Ndalane e Jembesse.

Os estudantes estão satisfeitos por terem contribuído para o progresso da Ilha de Moçambique. Segundo eles, como estudantes de Curso de Desenvolvimento e Relações Internacionais, envolver-se durante a sua formação na concepção e execução de projectos projecto é uma honra e excelente contributo para a sua futura carreira.

“Senti-me parte de um processo de

mudança e desenvolvimento social. As actividades que desenvolvemos, só mostraram cada vez mais que a responsabilidade da Universidade, assim como dos estudantes universitários muito mais que emitir diplomas, deve ser de trazer soluções práticas para os problemas que afectam as populações locais. E provamos que com o conhecimento adquirido nas aulas, somos capazes de desenvolver as comunidades, antes mesmo de pegar o nosso diploma. Foi uma sensação única e nobre. Transformar um problema social numa solução prática é um compromisso que nos é incutido desde o primeiro ano da nossa formação e mostramos ser capazes de fazer mudanças”, disse Lucas Mabunda, estudante que esteve envolvido nos projectos de reabilitação da praça da juventude da Ilha de Moçambique, e construção de sombreiros na Miami Beach.

Lucas Mabunda, falando durante a cerimónia de entrega oficial dos projectos de intervenção social, explicou os passos desencadeados pelos estudantes para a viabilização das suas iniciativas: “a actividade inaugurada hoje iniciou há duas semanas, há dois meses teve a fase de identificação do problema, desenho do projecto, mobilização de recursos e por último a implementação do projecto com base nos recursos que tivemos no campo. Esses projectos fazemos em parceria com as comunidades locais, temos intervindo na área de ambiente, de educação financeira, educação ambiental, direitos humanos, saúde, salubridade. Há um envolvimento entre a Faculdade e a comunidade na concepção e implementação dos projectos de intervenção social”.

FCSH

FAZENDO A DIFERENÇA

f FCSH-UniLurio

+258 878300752

Destas casas emerge o nosso boletim



Leia e divulgue

O Macuthi
Boletim Informativo da FCSH



Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas

Boletim Informativo da FCSH

Num artigo científico

DOCENTE DA FCSH REIVINDICA A INSCRIÇÃO DA KARAKATA NA LISTA DA UNESCO



Pilale Isequeiel | Docente da FCSH

O Antropólogo e docente da Faculdade de Ciências Sociais e Humana (FCSH), Pilale Isequeiel diz que a *Karakata com tocossado* enquanto elemento de património cultural imaterial moçambicano, carece de um olhar conspícuo com vista a garantir a sua inscrição na lista da organização das Nações Unidas para Educação, Cultura e Ciência (UNESCO), bem como potencialização para tornar num produto turístico de modo a criar estímulos e incentivos comunitários para a prática e preservação deste prato.

A posição é manifestada num artigo científico publicado no livro sobre Património Gastronómico, uma bibliografia editada no Brasil que se propõe a pensar os usos, conceitos, significantes da herança alimentar dos povos como recurso de significação identitária para o equilíbrio da dinâmica cultural.

Intitulado, “Karakata com Tocossado: identidades, memórias e territorialidades entre os Amakhuwas do Norte de Moçambique a partir da gastronomia”, o artigo refere que *karakata com tocossado* manifesta-se como um dos principais conectores ao território e à cultura makhuwa.

Segundo o professor de Gastronomia e Enologia, “das interpretações feitas às práticas de produção e consumo da *karakata com tocossado* constatamos que está tudo em conformidade com o quadro legal que vela pela protecção dos bens materiais e imateriais”. Isequeiel considera no seu artigo que, “a questão de originalidade entre os amakhuwas é tão importante ao ponto de se cunhar categorias como makhuwa de raça, makhuwa de gema, makhuwa com orgulho. São categorias corriqueiras distintivas nos dias actuais, sobretudo entre jovens, geralmente são usadas para reclamar pertença, manifestar orgulho, ostentar a identidade e exaltar o território e o grupo étnico do qual os sujeitos são membros”.

Com recurso a triangulação de técnicas de entrevistas semiestruturadas, observação directa, leitura e análise de comentários nas redes sociais, sobretudo, *Facebook* e *Instagram*, o autor conclui que a então, *karakata com tocossado*, que outrora “já foi uma comida do “negro” ou escravo, hoje, apresenta-se como uma das mais sonantes iguarias através da qual uma substancial massa populacional constrói sua identidade e estabelece uma ligação afectuosa com o seu passado incluindo a paisagem histórica, as pessoas e o território de pertença” segundo as conclusões do autor, a *karakata com tocossado* é um símbolo da identidade makhuwa dentro e fora de fronteiras.

Segundo o autor, “se a comida tem poder de conectar as pessoas a um determinado espaço geográfico, a um evento histórico e/ou a um dado grupo, e por isso, reivindicar-se ideias sobre o que é genuíno nos sistemas alimentares e tradições culinárias de modo a assegurar a sua perpetuidade enquanto um conjunto de saberes atinentes ao património cultural de um povo”, tem tudo para que mereça a sua inscrição na lista da Unesco.

Recorde-se que *karakata com tocossado* é uma das aclamadas iguarias do norte de Moçambique. No artigo, Pilale Isequeiel clarifica que “adotou o termo *karakata* (com *tocossado*) para designar um prato integrado formado por massa ou pasta feita a base da farinha de mandioca amassada em água fervente (no ponto de ebulição, cerca de 100° C) formando uma substância homogênea glutinativa. Os ingredientes se resumem em farinha e água. Ao passo que, *tocossado* é uma corruptela do termo *Otthokossa* ou *Y(w)otthokissiya* que conota cozer peixes, mariscos, frangos, carnes, verduras e até cereais com recurso ao método de fervura também conhecido na região como água-e-sal, devido aos seus ingredientes básicos (água-e-sal)”.

COMUNIDADE ACADÉMICA APROFUNDA CONHECIMENTOS SOBRE A PENENÍNSULA COREANA



Lee Chang Woo | Embaixada Coreana em Moçambique

Estudantes e docentes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas beneficiaram-se no passado dia 7 de Junho corrente de uma palestra intitulada, “Península Coreana”. Proferida pelo Conselheiro da Embaixada coreana em Moçambique, Lee Chang Woo, a palestra enquadra-se nos esforços daquele país, de fazer conhecer a sua história aos moçambicanos. “Senti gratidão e fiquei surpreendido com a coragem dos estudantes da FCSH. Eles conseguiram colocar muitas questões”, disse Lee Chang Woo, avançando que palestras iguais terão lugar em outras universidades do norte de Moçambique.

Segundo o conselheiro, a escolha da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas para a realização da palestra tem a ver com a sua história, “a Universidade Lúrio tem uma história longa, esperamos ter mais palestras na UniLúrio no futuro”.

Recorde-se que durante a palestra, Lee Chang Woo debruçou-se sobre a história da Coreia do Sul, marcada pela guerra, os passos levados a cabo para o alcance de um rápido crescimento económico, bem como dos conflitos regionais actualmente existentes no chamado mar do Leste.

Alguns estudantes entrevistados no final da reunião deram uma nota positiva ao evento. “Quebrou-se uma ideia de que a península coreana é apenas caracterizada por ameaças e testes nucleares. Porém, o outro lado da história tem a ver com prosperidade e desenvolvimento que tem caracterizado os últimos anos a Coreia do Sul, tanto mais, que se figura em boas posições de desenvolvimento económico e humano. Porém, há que ressaltar ainda apostando no capital humano, o desenvolvimento nacional ganha luz e a Coreia do Sul é exemplo disso,

nos investimentos que fez na área da educação e tecnologia”, disse Lucas Paulo Mabunda, estudante do Curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais. Para ele, a palestra foi extremamente interessante, “primeiro porque tratamos de um assunto de interesse global que é a península coreana e fazendo um casamento com o curso que frequento, mais subsídios pude receber sobre as dinâmicas daquele fenómeno e possíveis soluções para os problemas que afectam o nosso país”.

Elias Armando Jairosse, um outro estudante do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais diz que durante a palestra aprendeu que as guerras trazem consigo elevado custo, porque “para um país erguer-se é muito difícil, precisará de apoio e há que se tomar cautela para não ser dependente de tais apoios, usar o desenvolvimento para ser cada vez mais independente, melhorar a política de defesa e segurança para garantir o próprio desenvolvimento... Pois, eles melhoraram muito por causa da melhoria da política de defesa e segurança, senão não conseguiriam atingir o nível de desenvolvimento que se encontram a viver”. Para este estudante, a palestra, não obstante a sua importância, os oradores “podiam ser mais abertos e deixarem ficar dicas de como podemos alcançar o desenvolvimento desejado”.

Emércio Machava, também estudante de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, referiu: “considero oportuna a palestra sim, principalmente para a minha área de formação, pois é nesse tipo de debates que consigo tirar algum conhecimento e tentar enquadrar na situação socioeconómica do meu país. Por exemplo na palestra consegui notar que para além de tudo o que temos feito, assim como a Coreia fez para alcançar o desenvolvimento que tem hoje, em Moçambique falta arriscar mais nas Tecnologias de Informação, estas que vão dinamizar o Desenvolvimento”.

Desde a abertura da FCSH em 2017, esta é a segunda vez que um membro da diplomacia orienta uma palestra na instituição, depois do próprio embaixador ter visitado e orientado uma palestra em 2019.



Plateia da palestra sobre “Península Coreana”

Consideram os estudantes da FCSH

A PANDEMIA DO NOVO CORONA VÍRUS MELHOROU A NOSSA PERFORMANCE NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Esmeralda Robate

A pesar dos impactos negativos provocados pela pandemia do Corona Vírus, os estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), consideram que as constantes mudanças do Processo de Ensino e Aprendizagem durante o ano académico 2020 ajudaram a melhorar a performance intelectual e de investigação.

Segundo os estudantes, a conciliação das aulas presenciais, on-line e híbridas obrigaram a que estudantes fossem mais investigativos, proactivos, e dinâmicos no uso das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino.

A nossa reportagem conversou com alguns estudantes dos Cursos de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais e Turismo e Hotelaria.

Elias Jairosse, estudante do primeiro ano do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, explica que “tivemos de nos reinventar por causa das novas metodologias de ensino”. O estudante continuou referindo que o novo método de ensino obrigou a que os estudantes passassem a usar telemóveis para interagir com os seus docentes. Apesar de atípico para o nosso entrevistado, “o ano lectivo foi muito bom e desafiador” e permitiu “um crescimento intelectual do próprio estudante, porque a situação que se encontrava requeria que os estudantes se aplicassem mais, com vista a melhorar nos estudos, na investigação e na leitura”. Segundo

ele, quando a pandemia do novo corona vírus passar para história, “os nossos docentes, vão notar um crescimento em seus estudantes”.

Mónica Vicente estudante do terceiro ano do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais diz que o ano lectivo 2020 foi “muito desconfortável. No primeiro semestre constatou-se uma normalidade na vida académica, mas no segundo semestre, tudo começou a complicar-se e, as coisas foram ficando duras. No geral, o ano foi difícil”.

Questionada sobre os pontos positivos que mais lhe marcaram durante o decurso do ano académico 2020, ela respondeu: “os docentes passaram a compreender melhor os seus estudantes, algo que não acontecia antes”.

“O início do ano lectivo foi bom, depois vieram as complicações devido a pandemia e as coisas foram-se complicando. Quando voltamos, as aulas ficaram puxadas, tivemos um semestre em três semanas e isso influenciou no aproveitamento pedagógico”, disse Zura Acácio Celestino, estudante que transitou para o segundo ano do curso de Turismo e Hotelaria na FCSH. Para ela, a plata-



Elias Jairosse Estudante



Mónica Vicente Estudante



Adelcio Efigénio da Brisnet António Paúa Estudante

forma Google Classroom, apesar de nova e complicada, aumentou nível de conhecimento.

Adelcio Efigénio da Brisnet António Paúa, estudante do curso de Turismo e Hotelaria, na especialidade de Gestão Hoteleira, segundo ano, começou por lembrar que “a implementação do sistema do ensino online não foi possível se minimizar a situação provocada pelo Corona Virus, pois nem todos os estudantes possuíam condições para garantir a sua presença nas plataformas digitais adotadas para o ensino devido a situação em que o país e o mundo se encontram, até mesmo os que possuíam telefone ou até computadores para facilitar a sua participação nas aulas, nem sempre eram portadores de megabytes para acesso à internet”. O estudante considera que apesar destas dificuldades, o ensino híbrido adoptado depois da retoma das

aulas presenciais, permitiu que os estudantes tivessem que aprender a trabalhar de forma mais dinâmica. “2020 fez com que a união em sala de aula se fortificasse no que tange a partilha constante de conhecimento, fez com que nós como estudantes, e eu em particular percebesse que mesmo nas correrias é bem possível se aprender algo, basta o empenho e dedicação de cada um enquanto batalhador, a pressão não muda nada”, disse o nosso entrevistado para quem “posso e sou capaz de vencer qualquer desafio que a vida ou a academia coloca à minha frente”.

AVALIAMOS POSITIVAMENTE O ANO ACADÉMICO 2020



Jóssimo Calavete DAP da FCSH



Zura Acácio Celestino Estudante

Para fazer uma radiografia do ano académico 2020 na FCSH, a nossa equipa de reportagem entrevistou o Director Adjunto Pedagógico, Jóssimo Calavete. Na sua avaliação diz que “o ano académico 2020 no geral foi positivo, se olharmos para os resultados do aproveitamento pedagógico”. Segundo ele, a Faculdade conseguiu contornar os inúmeros desafios que circundaram o próprio processo de ensino e aprendizagem, nomeadamente as contínuas interrupções provocadas pela pandemia do covid-19 e o facto de alguns estudantes não terem conseguido acesso pontual às aulas por limitação de dispositivos on-line. O nosso entrevistado referiu que perante as adversidades, a

“MARCOU-ME A FAMILIARIDADE QUE ENCONTREI DENTRO DA FCSH”



Bernardo Januário, de 31 anos de idade nasceu aos 09 de Junho de 1990 na cidade de Nampula, é docente desta Faculdade onde lecciona a cadeira de Tecnologia e Sistema de Informação nos cursos de Hotelaria e Turismo desde 2019.

“Neste percurso, várias coisas me marcaram, quer do lado profissional, quer do lado pessoal, dentre as quais a familiaridade que encontrei dentro da FCSH e do aprendizado que tenho ganhado dia após dia na sala de aula”.

A fonte considera o ambiente de trabalho “muito excelente” não obstante ter apelado à união e colaboração entre os colegas e apontado a falta de equipamento em algumas repartições como algo que ainda preocupa os colaboradores.

“TENHO SENTIMENTO DE ORGULHO POR ESTAR A TRABALHAR NA PRIMEIRA CAPITAL DE MOÇAMBIQUE”



Victorino Chadreque, de 34 anos de idade nasceu aos 23 de Junho de 1987, é Natural de Maua, Província de Niassa. Ingressou na FCSH no ano 2019, onde lecciona as disciplinas de Estrutura Social I e II, e Instituições e Relações Internacionais e Negociação e Gestão de Conflitos no curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais.

“Umas das coisas que mais me marcou como funcionário da FCSH foi quando fui indicado para ocupar o cargo de director de curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, e por ter tomado posse perante o antigo Reitor Francisco Noa, numa cerimónia em que também tomou posse o elenco da Faculdade”, disse e continuou “no lado pessoal, tenho sentimento de orgulho por estar a trabalhar na primeira capital de Moçambique e, por conseguinte, Património Mundial da Humanidade”.

O Dr. Chadreque avalia o ambiente de trabalho na FCSH como sendo “bom e favorável para crescer profissionalmente”.

Continuado da pág. 8

Faculdade conseguiu encontrar formas positivas de apoiar os estudantes não abrangidos pelas aulas on-line, dando mais assistência quando as aulas foram retomadas de forma presencial.

“Então, como pode ver, a Faculdade conseguiu contornar os desafios e assegurar que o processo de ensino e aprendizagem decorresse na sua normalidade”.

Uma vez que o novo Corona Vírus continua, e para não viver os mesmos cenários observados durante o ano académico 2020, o nosso entrevistado assegura estarem já a decorrer num bom ritmo preparativos do próximo ano académico 2021. “Estamos a pensar para o académico 2021 equipar a nossa biblioteca com alguns computadores para permitir que os estudantes possam recorrer a esses computadores a nível da faculdade e minimizar os constrangimentos de posse dos recursos digitais, também estamos a pensar em reforçar a componente de formação contínua do nosso

peçoal docente por forma a estar, mais habilitado na utilização das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem”, disse Jóssimo Calavete.

Por outro lado, a Faculdade está a preparar recursos que permitam que os estudantes que não tenham condições para acesso às aulas on-line possam recorrer ao laboratório da faculdade. Uma outra actividade preparatória tem a ver com o processo de formação da comunidade académica, isto porque segundo o Director Ajunto Pedagógico, “entendemos que não obstante as capacitações que tivemos no ano académico 2020, tanto os docentes como estudantes precisam dessa contínua actualização para que tenham conhecimentos, mais aprofundados para o uso das tecnologias”.

Na FCSH o ano académico 2021 arranca no próximo dia 5 de Julho.